

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE/FACHS
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARIA CRISTINA LENZI MIORI

AS TRANSFORMAÇÕES NA NOÇÃO DE PERVERSÃO: DA DEFINIÇÃO NO
SÉCULO XIX À PSICANÁLISE NO SÉCULO XX

São Paulo
2015

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE/FACHS
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARIA CRISTINA LENZI MIORI

AS TRANSFORMAÇÕES NA NOÇÃO DE PERVERSÃO: DA DEFINIÇÃO NO
SÉCULO XIX À PSICANÁLISE NO SÉCULO XX

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Ms. Denigés Maurel Regis Neto.

São Paulo
2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos professores que, direta ou indiretamente, auxiliaram na minha formação acadêmica e me motivaram a buscar novos conhecimentos todos os dias.

Ao meu orientador, que se empenhou em descobrir novos saberes e teve papel fundamental na produção deste trabalho.

Aos meus pais, irmão e animais de estimação, que não deixaram nunca meu lado.

Área de Conhecimento conforme Tabela do CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: AS TRANSFORMAÇÕES NA NOÇÃO DE PERVERSÃO: DA DEFINIÇÃO NO SÉCULO XIX À PSICANÁLISE NO SÉCULO XX

Ano: 2015

Autora: Maria Cristina Lenzi Miori

Orientador: Prof. Ms. Denigés Maurel Regis Neto.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. Sexualidade.

RESUMO

A perversão e a sexualidade, de modo geral, compõe um dos grandes temas discutidos dentro da psicologia e, em especial, dentro do campo psicanalítico, que ao introduzir o termo em seu vocabulário, produziu diversas conceituações distintas acerca deste, ao longo dos anos. Este trabalho consiste em uma pesquisa teórica que visa observar os movimentos históricos que acompanharam a evolução do significado do termo perversão a partir de sua entrada na medicina oitocentista e abordar posteriormente as mudanças ocorridas sob a ótica da teoria Freudiana e Lacaniana em conjunto com autores que discutem as mudanças sociais, como Foucault e Ariès. Para isso foram realizadas leituras minuciosas de bibliografias dos principais marcos teóricos e históricos de cada uma das três eras abordadas neste texto referentes à perversão, de modo que fosse possível observar as relações que poderiam ser estabelecidas. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo contribuir com o estudo da perversão, tendo em vista a influência que um contexto histórico tem sobre a formação de um conceito, e a relevância destes questionamentos no contexto da psicanálise moderna.

Palavras-chave: Perversão. Psicanálise. Sexualidade. Normalidade. Patológico.

SUMÁRIO

Introdução	1
Percurso teórico e caminhos metodológicos do trabalho.....	2
Perversão: etimologia e a sexologia oitocentista.....	4
A Perversão na obra de Freud	10
A perversão na obra de Lacan	17
Discussão.....	24
Contextualização histórica das propostas.....	24
Séculos XVI à XIX	24
Ruptura psicanalítica e contexto atual	28
Considerações finais	33
Referências Bibliográficas	35

Introdução

A sexualidade e seus desvios, também chamados de perversões, são temas que despertam grande interesse na área da psicologia e das ciências humanas, de modo geral. Diversos estudos foram e ainda são produzidos acerca desse tema, que ganhou sua própria vertente no século XIX com os sexólogos pré-freudianos – estudiosos que se dedicaram à busca de causas fisiológicas para as, então chamadas, ‘perversões’, observação e descrição desses desvios sexuais, em conjunto com as tentativas de cura das pessoas que apresentavam sintomas de tal ordem.

Com a introdução da psicanálise, a perversão foi apropriada como um objeto de estudo essencial, sendo um dos principais fenômenos a serem conceitualizados e analisados dentro da psicologia. Deste modo, observamos uma grande mudança de perspectiva em relação à perversão entre os sexólogos oitocentistas e Freud, pois ao passo que os primeiros buscavam uma explicação orgânica para o problema da perversão, Freud se foca em funções diferentes, como a formação subjetiva do indivíduo a partir de dinâmicas internas não fisiológicas, mas sim psíquicas.

Observamos novamente uma grande mudança teórica entre Freud e Lacan, psicanalista francês que produz suas obras à luz da teoria freudiana, retomando conceitos e fazendo releituras que, por isso, adaptaram-se à sociedade e cultura na qual estava inserido. Percebe-se, com esse movimento, a reformulação da noção de perversão ao longo dos anos, uma vez que os conhecimentos que modificam ou adicionam novos conceitos à teoria são obtidos a cada geração de pesquisadores impulsionados a aperfeiçoá-la. A partir dessas observações, é possível levantar questionamentos acerca da maneira pela qual essas mudanças conceituais ocorrem e quais fatores as desencadeiam ou influenciam. De acordo com Foucault

A sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, é uma invenção social, uma vez que, se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, normatizam que instauram saberes, que produzem “verdades”. Sua definição e dispositivo sugere a direção abrangência de nosso olhar. (FOUCAULT, 1982, p. 15)

Com isso em mente, busca-se por meio desse trabalho, o estudo e relato breve de teorias referentes à descrição do fenômeno da perversão produzido por pensadores, médicos oitocentistas e psicanalistas, como Krafft-Ebing, Freud e Lacan, com a finalidade de compreender o processo de mudança conceitual ocorrido

que gerou a noção de perversão conhecida e utilizada pela psicologia contemporânea. Os autores citados anteriormente marcaram o estudo da sexualidade em suas épocas por apresentarem mudanças relevantes no tema da sexualidade e seus desvios e trabalharam em atualizar os saberes produzidos nesta área. Conhecer o fluxo e as mudanças históricas de um conceito pode nos ajudar a avaliar e, se necessário, reformular as atuais definições; de modo a corresponder às transformações teóricas, sociais e morais de nossa época.

Percurso teórico e caminhos metodológicos do trabalho

Este trabalho teórico teve início a partir da leitura do livro *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, que, ao ser considerado um dos principais livros sobre sexualidade de 1800, nos confronta com a realidade da tentativa de catalogar e patologizar quaisquer tipos de comportamentos de ordem sexual considerados desviantes pela medicina do séc. XIX. É necessário frisar que os estudiosos deste período encontravam-se imersos em uma cultura moralista de cunho fortemente religioso que exerceu grande influência na maneira pela qual as teorias foram concebidas e que, apesar de aparentemente estarmos distante desta vivência, é possível observar o estigma que envolve as discussões acerca da sexualidade - principalmente de suas formas desviantes - até hoje.

Como consequência disso, foi realizada uma leitura crítica de conceitos relacionados à perversão a partir de uma análise bibliográfica de cunho histórico que abordou temas desde a etimologia do termo e das condições que expressam sua entrada no vocabulário médico, sendo, em seguida, delimitada a necessidade de observar as obras de autores da psicologia reconhecidos no meio acadêmico pela produção de novas concepções teóricas do entendimento da perversão. A partir desta retomada, foram eleitas as propostas de Freud e Lacan por demarcarem, em suas distintas épocas, momentos históricos importantes que provocaram uma ruptura com as propostas e formulações científica anterior à eles.

Para estabelecer esta relação com o contexto histórico de cada época, foram utilizadas obras de autores como Foucault (1997) e Ariès (1981), em conjunto com outros autores que abordam questões referentes às mudanças sociais, com a intenção de se discutir a construção de conhecimento e as relações histórico-culturais que a influenciam.

Espera-se, portanto, que a retomada histórica revele a transformação deste conceito de modo que seja possível observar as relações estabelecidas entre o termo perversão – que primordialmente foi delegado de um meio médico para se tornar um estudo pertencente ao âmbito da psicologia – e as mudanças sociais ocorridas em entre os séculos XIX e XX que iremos abordar neste trabalho. Pretende-se com isso, analisar se os preconceitos existentes no contexto histórico-social de diferentes épocas implicaram ou ainda implicam na impregnação dos conteúdos científicos produzidos e na maneira que compreendemos o conceito de perversão hoje.

Parte-se da ideia de que esta relação a ser explorada pode originar uma gama de debates e questionamentos acerca do tema, uma vez que a sexualidade e suas expressões ainda sofrem preconceitos diversos atualmente em uma sociedade que mantém posturas aparentemente liberais.

Perversão: etimologia e a sexologia oitocentista

O termo perversão, anteriormente à psicanálise, fez parte do vocabulário médico e da sexologia de XIX, percorrendo um longo caminho antes de ter a conotação relacionada à sexualidade, dada por Freud, que nos é mais familiar. De acordo com Lanteri Laura (apud Peixoto Jr., 1999, p. 28), o termo perversão aparece pela primeira vez na história em 1444, advindo do latim *perversio* (referente ao verbo *pervertere*) que significa retornar ou reverter, sendo posteriormente lido como uma “mudança depreciativa” ou ainda, algo que se torna ruim.

Desde então, o caráter pejorativo colou-se ao termo. Foi apenas no século XIX, no entanto, que a palavra perversão passou a integrar o vocabulário da medicina, na acepção de uma degradação ou modificação para pior de uma função orgânica. Dando mais um passo, o termo saiu da esfera da função orgânica em direção à noção de degeneração ou loucura moral, quando, então passou a designar principalmente a perversão moral. A etapa final da aventura semântica dessa palavra se deu com sua conexão definitiva à sexualidade. (FERRAZ, 2013, p. 22)

O autor traz ao texto a diferenciação que necessária entre a perversão sexual e moral, também chamada de perversidade, que vale ressaltar ser diferente do conceito de perversão abordado neste trabalho - a perversão sexual- por se tratar de uma característica de ordem agressiva e cruel inerente à personalidade do sujeito e que, posteriormente, será relacionada à psicopatia. De qualquer modo, o foco desse trecho citado deve se dar ao desenvolvimento histórico resumido acima por Ferraz (2013) demonstra a evolução aviltante do termo perversão de maneira clara, chamando nossa atenção para as circunstâncias que marcam o momento no qual tal termo é introduzido no vocabulário da psiquiatria. É nesse contexto que se constrói o conceito de perversão sexual como sinônimo de comportamentos desviantes da sexualidade, denominados também de aberrações sexuais e que se tornará amplamente difundido fazendo com que posteriormente não seja mais necessário o adjetivo “sexual” ao termo “perversão” para se referir aos distúrbios sexuais.

Foucault (1980) afirma em seu livro *História da sexualidade*, que até o século XVIII, qualquer ato sexual que não visava à procriação era considerado um pecado ao qual a pena de morte poderia ser imposta. A compreensão da sexualidade implica, nesta época, em grande repressão, que, por sua vez, poderia ser embasada tanto no âmbito jurídico quanto na moral religiosa imersa em repulsa por qualquer

ato que se caracterizasse na não reprodução (como a sodomia¹ e o onanismo²). Peixoto Jr. (1999) ressalta esta visão ao relatar a publicação de estudos de Tissot, em 1760, que apresentam uma relação estreita entre a loucura e a masturbação e que serão resgatados décadas depois para embasar novas teorias. A partir dessa discussão, o autor aponta a importância das críticas e intervenções amparadas por pensadores iluministas quanto à sexualidade nas mudanças liberais que ocorrerão em seguida. Ferraz afirma que

Foi por volta do séc XVIII que surgiu uma tendência técnica a se falar de sexo não como algo simplesmente condenável, mas passível de regulação. Não se tratava de condená-lo, como fazia a moral religiosa por meio da proibição, mas de administrá-lo e regulá-lo por meio de um discurso público racional que fazia apelo à utilidade. Esse momento marcou o início de uma produção de discursos sobre a sexualidade em que esta passava a ser tratada como objeto de análise e intervenção. (2013, pág. 23)

O marco descrito por Ferraz simboliza a apropriação dos temas relacionados à sexualidade pela medicina, e, principalmente pela psiquiatria, que enxergava os distúrbios sexuais como um sintoma de funções psíquicas alteradas. Com isso, será formada no século XIX a ciência sexual, que resulta na implantação de categorias e descrição das diversas condutas sexuais desviantes.

Peixoto Jr. (1999) faz uma descrição minuciosa dos movimentos ocorridos a partir deste momento, dividindo a sexologia oitocentista em primeira e segunda metade do século XIX. A primeira metade, segundo o autor, é marcada pelo conceito de instinto sexual, tema que será abordado por Canabis (1844, p. 33), que dedica "(...) toda uma parte de seu trabalho sobre as relações entre o físico e o moral no homem à influência do sexo sobre o caráter, as ideias e afecções morais.". Esse pensamento o transforma em um dos autores que mais exerce influência e marca o raciocínio da época quanto à sexualidade em conjunto com Heinrich Kan, que, também em 1844, escreve o *Psychopatia Sexualis*, livro embasado nos estudos de Samuel-August Tissot sobre a masturbação, no qual irá observar a masturbação como um comportamento elaborador de fantasias excessivas que poderão dar abertura às perversões como pederastia e bestialidade. Peixoto Jr. (1999) afirma que esta obra serve como indicador de uma transformação do estudo da

¹ Prática sexual em que há penetração do ânus.

² Coito interrompido antes da ejaculação / Masturbação masculina.

sexualidade na passagem do século XVIII para o XIX com a divisão da medicina do sexo e da medicina do corpo, porém ressalva que os conceitos usados até então eram derivados de um raciocínio evolucionista e progressista da época que gerou um “racismo científico e preconceito sexual.” (p. 36).

Retomaremos esta afirmação mais adiante na discussão final, porém é necessário ressaltar a importância desta frase, uma vez que engloba um dos pontos principais deste trabalho: investigar a maneira que as implicações sociais de cada época podem vir a transformar a produção de conhecimento e refletir preconceitos pessoais no saber científico.

Será em 1849 a publicação da obra que divide a sexologia da primeira metade do século da segunda. Nesta obra, Michéa irá

(...) considerar que as perversões não deveriam mais ser vistas como atos causados por excessos fantasmáticos no campo psicológico, mas tratadas como um fenômeno fisiológico. Assim, o comportamento perverso era causado por uma mudança no funcionamento biológico (instintivo), hipótese que provocava uma reversão nas relações entre o sexual e os danos no sistema nervoso: não é mais o cérebro que é afetado pelos atos sexuais desviantes, pois são as mudanças fisiológicas ou neurológicas que produzem as aberrações sexuais. (PEIXOTO JR., 1999, p. 35)

Essa obra direciona a produção científica da época para a concepção de correlações estabelecidas entre os comportamentos sexuais anormais e personalidades desviantes, que seriam fruto de problemas desenvolvimentais de ordem psicofisiológica. Isso ficará claro com o aparecimento do conceito de degeneração, criado por Morel em 1857, que evocava um problema genético; Serpa Jr. (1998) evidencia com base na etimologia do verbo “degenerar”, que, proveniente do termo latino *genus* ou *generis* (raça, geração, de maneira mais ampla), implicaria, portanto, em uma linhagem corrompida. Sobre a teoria, Pereira (2008, p. 492-493) atesta que

(...) pode-se afirmar que ela repousa sobre a concepção de que a herança que se transmite através das gerações não se restringe ao plano biológico, mas inclui dimensões morais e de comportamentos – virtuosos ou viciados. (...) Assim, uma linhagem acometida pela degeneração tenderia a acumular e acentuar seus desvios, o que, em seu extremo, acarretaria na sua esterilidade e extinção. Tratar-se-ia, portanto, de uma forma encontrada pela natureza para eliminar os vícios desenvolvidos e acumulados por uma geração. (...) Morel indica diferentes causas para a degenerescência que incluem o abuso do álcool, alimentação deficiente, meio social miserável, imoralidade dos costumes, conduta sexual desregrada, doenças da

infância e a própria herança de uma carga de degenerescência (em outros termos, a degenerescência poderia ser herdada ou adquirida).

Pereira (2008, p. 5) ressalta, neste artigo, a importância de “lembrar que todas as referências à hereditariedade subjacentes à noção de degenerescência não se apoiavam sobre uma teoria propriamente genética” uma vez que esta é concebida anteriormente à ciência da genética e hereditariedade, apresentada por Mendel em 1865 devido aos seus experimentos com ervilhas. Peixoto Jr.(1999), no entanto, afirma que este momento marca a tentativa de relacionar o instinto do degenerado, descrito por Morel em 1857, aos conhecimentos científicos, fazendo com que fosse possível manter referências mútuas entre a perversão e a eugenia devido à linearidade perversão-hereditariedade-degenerescência e, com isso, formando o quadro denominado loucuras hereditárias.

Muitos estudos sobre a sexualidade nascem a partir deste novo conceito, sendo relevante ressaltar os estudos feitos entre 1860 e 1870 na Alemanha sobre a homossexualidade, considerada ilegal e passível de punição neste período. Tais estudos liderados por Ulrichs, jurista germânico que no momento denominava a homossexualidade de uranismo, sinalizam uma importante ruptura com os padrões e preconceitos da época, pois negam a concepção de um caráter degenerado ou libertino à prática homossexual, afirmando que o “uranista” teria uma disposição natural e congênita a somente se atrair por homens, uma vez que teria nascido com alma de mulher em um corpo masculino. Apesar de não conseguir alterar a lei, seus estudos têm grande impacto no meio científico e serão continuados em 1870 por Westphal, que por sua vez, modificará o nome deste fenômeno para “inversão sexual” baseado no conceito de Ulrich de inversão natural do objeto de desejo do sujeito e o classifica como uma neurose relacionada à problemas nervosos. Isso é um marco importante para a ruptura com os conhecimentos da primeira metade do séc. XIX, pois impulsiona os especialistas e estudiosos da sexualidade a perceber a grande pluralidade de vivências sexuais.

A circunstância que singulariza o final deste século é o movimento de categorização das diversas vivências sexuais como uma forma de catálogo de comportamentos bizarros que serão utilizados para a nosografia médica sobre a sexualidade. Um dos mais importantes catálogos da época foi o *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, que, fundamentado na teoria da degenerescência e

neurastenia, produz uma obra baseada na observação e catálogo de diversos comportamentos considerados perversos. Luis Fernando Duarte observa que

Com efeito, esse desenvolvimento parecia corresponder a um 'progresso lento' mas certo da 'moralidade' sobre o 'instinto animal', que ainda se poderia ver exposto sem peias nas 'raças selvagens'. A hipótese da promiscuidade primitiva encontra-se aí em toda a sua pujança, acompanhada pela idéia da força crescente e civilizatória da 'vergonha'. Uma versão da hipótese da recapitulação aproxima os 'altos e baixos da vida sexual do indivíduo' dos períodos de avanço, estagnação ou decadência da moralidade coletiva. (1988, apud PEIXOTO JR., 1999, p. 41)

Com o grande número de variações de comportamento sexuais catalogados por Krafft-Ebing, foi constatada a necessidade de unificar os saberes descritos em sua obra, o que foi posteriormente realizado por Magnan em 1885. A obra deste segundo autor proporcionou a diminuição da diversidade de comportamentos perversos, constatando que

(...) a sexualidade normal corresponde a um funcionamento harmonioso e equilibrado das relações entre o arco espinhal e os centros corticais. A partir desta hipótese, era possível classificar as perversões e fornecer para elas uma explicação neurofisiológica de conjunto, com um modelo simples e uma terminologia anatômica. (...) Com este modelo, as perversões passam a fazer parte do conjunto das patologias corticais, e, no fundo, sua linguagem fiscalista visava apenas a ocultar a prescrição moral contida em sua aparente neutralidade descritiva. (PEIXOTO JR, 1999, p. 41-42)

A próxima mudança que ocorrerá na teoria da perversão implicará na tentativa de explicar a perversão por um viés psicológico. Binet foi o primeiro autor a elaborar esta versão, em 1886, utilizando o conceito de associações de ideias ocorridas na juventude que gerariam comportamentos aberrantes na vida sexual adulta. Sem a intenção de se opor à noção de *degenerescência*, mas somente de adicionar novas informações a esta, Binet afirma que existem fatores essenciais à perversão que não poderiam ter surgido a partir da genética e da teoria da hereditariedade, mas de um momento vivido na infância que constituiria o foco das associações psíquicas que ocorrem na adolescência. Peixoto Jr. (1999) afirma que apesar desta crítica de Binet ter tido como finalidade somente um breve adendo às teorias da degenerescência, ela irá inspirar outros autores a criar uma nova vertente do pensamento científico a respeito da perversão, que se colocará como uma visão de oposição radical a tais teorias. Peixoto Jr. (1999, p. 41) está se referindo, neste

momento, a autores como Schrenck-Notzing, que em 1889 discorre sobre a cura de pacientes perversos por sugestão hipnótica, e também à Albert Moll, que em 1890 irá afirmar existir uma fase libidinal-sexual infantil, que funcionaria como uma fase antecipatória e preparatória do instinto, apresentando comportamentos bissexuais ou perversos, que não implicariam necessariamente em um comportamento perverso no futuro. A teoria de Moll será retomada posteriormente por outros pensadores, que, ao acrescentar conhecimentos ao estudo, reproduzem uma linguagem reconhecível no meio psicanalítico, uma vez que de acordo com a iminência do século XX as teorias passam a se aproximar da concepção de sexualidade e perversão propostas por Freud, como será visto a seguir.

A Perversão na obra de Freud

É com base principalmente nos relatos e estudos dos sexólogos do final do século XIX que Freud baseia a primeira e uma de suas mais importantes obras deste âmbito: Os três ensaios sobre a sexualidade. A versão original desse texto foi concebida em 1905, tendo modificações ocorridas em 1910, 1915, 1920 e 1924, sendo possível, portanto, ao ler tais ensaios, observar as criticamente mudanças que ocorrem na proposta teórica de Freud ao longo de seu estudo. Muitas oscilações aparecem nas diferentes versões do texto - que foi modificado ou aprofundado a cada edição -, o que implicou em contradições em certos pontos da teoria como destaca Amaral (1995, p. 73-74).

(...) cabendo, por fim, apenas assinalar que o grande problema em relação às demais edições é que, enquanto no original, posições - muitas vezes contraditórias entre si - são apresentadas de forma tensa, não conclusiva, portanto dando margem a mais de uma interpretação, nas versões subsequentes essa riqueza interpretativa acaba sendo diluída ante as posições predominantemente endógenas e biologizantes a que dão lugar cada um dos adendos acrescentados ulteriormente.

Observamos que em 1905 ainda existe grande influência da psiquiatria e dos sexólogos oitocentistas no discurso de Freud, que, utiliza-se de expressões como “inversões” para descrever o desvio de objeto na relação - utilizado, neste momento, para explicar a homossexualidade. Isso ocorre também com o uso do termo perversão, que, ainda neste contexto, é definido como desvio de fim sexual e classifica o que o autor denomina “aberrações”. Para compreender esse dado, é necessário compreender o conceito de pulsão e objeto para Freud; Garcia-Roza (2009, p. 96-97) descreve essa relação da seguinte forma:

Freud começa por definir o que ele considera o objeto e o objetivo sexuais: o objeto sexual é a pessoa de quem procede a atração sexual e o objetivo sexual é o ato a que a pulsão conduz. Essa distinção pode, sem dúvida, aplicar-se também ao instinto. A diferença está em que nele temos padrões fixos de conduta ligando o objetivo e o objeto, enquanto na pulsão esses padrões são fixados durante a história do indivíduo.

Isso significa que, no caso das perversões, a pulsão não teria mais uma relação com o objeto sexual quanto pessoa e que, de fato, pode se modificar e obter qualquer forma quando referente à sexualidade humana.

Em 1910, Freud acrescenta notas ao ensaio referentes ao conceito de “inversão” nas quais, segundo a análise de Peixoto Jr. (1999, p. 92):

Não há nestes sujeitos nada de degenerado ou inato, nem nada que indique uma bissexualidade orgânica, como procuravam investigar autores como Ulrichs e Krafft-Ebing. Ressaltando que a investigação psicanalítica opõe-se terminantemente à tentativa de fazer dos homossexuais uma espécie particular de seres humanos, Freud busca nos conceitos de fixação, identificação e narcisismo uma explicação plausível para o fenômeno da inversão.

O modelo de identificação utilizado por Freud para descrever o conceito de inversão será o mesmo que Freud retomará com o propósito de explicar o conceito de perversão posteriormente. Ainda em 1905, Freud designa a perversão como tendo origem na sexualidade infantil, uma vez que o bebê é visto como perverso-polimorfo, no qual não existe a sexualidade definitiva neste momento, mas sim potenciais. O autor descreve os conceitos de potenciais para sexualidade, que existem em todas as crianças, como algo presente tanto no neurótico quanto no perverso e que se evidenciam nas fantasias pré-genitais com a auto-erotização, que, portanto, apresentariam conteúdos perversos, independente da criança. Flávio Ferraz (2013, p. 34) afirma que "(...) o perverso não porta uma aberração ausente nos outros seres humanos, mas ele simplesmente atua aquilo que se encontra, de forma latente e potencial, em todas as pessoas". Ou seja, essa postura teórica se distancia do pensamento oitocentista de patologização da sexualidade, uma vez que parte do pressuposto que ninguém estaria alheio à perversão ou conseguiria obter objetivos sexuais totalmente livres de qualquer traço dela, porém isso aconteceria em graus diferentes em cada pessoa, fazendo com que o perverso coloque em prática o que o neurótico não consegue a partir da permanência de características da sexualidade polimorfa infantil na vida adulta.

Ainda que um certo nível de transgressão perversa esteja presente no cotidiano sexual de cada pessoa, o que bastaria para tornar inadequado um uso meramente reprovativo do termo 'perversão', em certos casos seu conteúdo distancia-se tanto da normalidade, que ela deve ser considerada patológica por superar resistências básicas como o asco, a vergonha e a moral, que, para a psicanálise freudiana consistem barreiras fundamentais para o desenvolvimento sexual não apenas do indivíduo como também da espécie. (PEIXOTO JR., 1999, p.63-64)

Essa visão teórica da perversão é considerada a primeira de três construções principais feitas por Freud, segundo Chasseguet-Smirgel (1991). Neste momento, o conceito se embasa na afirmativa de que a neurose é a negação da perversão, como descrito acima.

Foram nas modificações de 1910, e novamente em 1915, que Freud falou sobre a influência sensorial e perceptiva na sexualidade infantil, afirmando que estas teriam uma relação estreita com o fetichismo, por sua vez, descrito como algo que pode estar presente em relacionamentos amorosos comuns, porém atinge o grau de patologia uma vez que o fetiche se torna o objeto sexual por si, sem relação com o outro a quem ele está associado. Essas modificações deram margem à descrição de uma relação fálica do voyerismo e exibicionismo, como também o sadismo e masoquismo, gerando a relação das perversões em papéis ativos e passivos. Freud só iria elaborar, de maneira mais aprofundada, esses temas anos depois.

Em 1914 Freud avança sua teoria com o texto *Introdução ao Narcisismo*, no qual é concebida a relação estreita entre a perversão e o narcisismo a partir da trajetória de formação do eu. Ou seja, Freud considera que os primeiros objetos sexuais se darão a partir da vivência do prazer ou satisfação que ocorreram na infância, embasados na relação com o cuidador principal -normalmente relacionado à figura materna- ou com da própria criança consigo mesma; essas escolhas serão denominadas anaclítica e narcísica, respectivamente. Freud afirma que a escolha narcísica do objeto sexual implica em um desenvolvimento sexual desviante, de modo que, buscam a si mesmos como objeto de amor.

Desta forma, “O narcisismo, (...) não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo inerente à pulsão de autoconservação ao qual se atribui justificadamente uma dose a todo ser vivo.” (Freud, 1914, p. 71).

Freud continuará a discorrer pelo tema da sexualidade em diversos textos que se mostram relevantes para a construção de sua teoria e dão ênfase em diferentes níveis para a perversão. *Bate-se numa criança* (1919), é a obra que marca o segundo momento importante na obra de Freud para a conceitualização da perversão, como descrito por Chasseguet-Smirgel (1991), devido à relação estabelecida entre a perversão e o complexo de Édipo. Esse texto se volta para o estudo dos comportamentos sexuais considerados perversos, porém engloba a sexualidade geral uma vez que Freud descreve as fantasias sobre espancamentos encontradas em diferentes sujeitos, e percebe que elas aparecem tanto em perversos quanto em “não-perversos”. Freud irá relacionar o conceito de autoerotização e complexo de Édipo ao prazer associado ao caráter sádico ou masoquista e à culpa revelados nestas fantasias. É importante ressaltar que o autor conclui que esse comportamento perverso é comum na formação da sexualidade

infantil, e que será elaborado a partir de mecanismos de defesa (como recalçamento e sublimação) dando possibilidade a uma sexualidade genital normal, sendo possível se tornar patológico e caracterizar uma perversão na vida adulta se houver um retrocesso para a fixação infantil. Freud (1919, p. 200) afirma que:

A sexualidade infantil que sucumbe à repressão, é a principal força pulsional da formação de sintoma, e por isso a peça essencial de seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear da neurose. Espero haver suscitado com minha comunicação a expectativa de que também as *aberrações* sexuais da infância e da maturidade sejam ramificações do mesmo complexo.

Em 1920, com *Mais além do princípio do prazer*, Freud introduz o conceito de 'pulsão de morte'. Esse conceito é um marco para a revisão de conceitos descritos antes, como as tendências sado-masoquistas. Peixoto Jr. (1999) aponta a introdução do novo conceito como uma obrigação para Freud reformular sua teoria de que o sadismo era visto como uma tendência primitiva e afirma que

Trata-se do esboço de uma reformulação no mecanismo das pulsões sadomasoquistas, que se verá transformado pela introdução do novo dualismo (pulsão de vida/pulsão de morte), tornando premente a necessidade de se suporem tendências originárias não só sadicas, como também masoquistas. Essa suposição inicial de um masoquismo primário só será confirmada quatro anos mais tarde. (PEIXOTO JR. 1999, p. 93)

Foi a partir de 1923, com a publicação do texto de Freud: O eu e o id, até 1933, com o fim de suas produções, que Freud realizou as considerações mais importantes referentes à sexualidade e perversão de sua teoria. Conceitos como as fases da sexualidade infantil e o complexo de castração são abordados, em 1923, para explicar o desenvolvimento da sexualidade e Freud passa a dar mais ênfase à compreensão que esse desenvolvimento inicial se dá de forma igual, tanto para a sexualidade considerada normal quanto a pervertida. Ainda neste ano, Freud se foca no estudo da sexualidade feminina e avança seu conceito sobre a sexualidade quando diferencia o Édipo feminino e masculino. O autor recorrentemente localiza o feminino em uma posição passiva e diminuída em relação à masculina, implicando ser estas características da feminilidade por considerar que o superego feminino teria uma formação que o faria ser mais frágil, pois não seria ameaçada de castração por já ser castrada. Peixoto Jr. (1999, P. 97) afirma que

Esta ameaça [de castração] também poderá ser considerada a responsável por duas reações 'anormais' que futuramente poderão determinar de forma duradoura a atitude do homem para com a mulher: um horror frente a esta criatura mutilada ou um menosprezo

triumfalista em relação à ela. Nada disso ocorre com a menina, onde tem o chamado 'complexo de masculinidade', fruto da inveja do pênis, que leva (...) à formação de traços de caráter como o ciúme, acompanhados de um sentimento de inferioridade.

Essa teoria dará embasamento para Freud discutir a perspectiva de existir um masoquismo originário em seu texto de 1924: O problema econômico do masoquismo. A posição masoquista, para Freud estaria diretamente ligada à posição feminina, ou seja, uma posição castrada e passiva. Essa teoria será revisada por Freud posteriormente por se tornar insustentável, mas fará parte da formação de sua última teoria da perversão.

Segundo Ferraz (2013, P. 41),

Nos textos dos anos 20 sobre o complexo de Édipo, encontramos algumas indicações dos mecanismos que dão origem à perversão numa antecipação do que viria a ser o terceiro e definitivo tratamento que Freud daria a esse assunto em 1927.

Flávio Ferraz está se referindo ao artigo Perversão (1927) de Freud, que traz os conceitos finais de recusa (*Verleugnung*) da castração e clivagem do ego para explicar os comportamentos perversos.

Freud afirma que a personalidade da criança se formará ao passar pelo complexo de Édipo. Nessa passagem, o sujeito tem que renunciar o objeto de amor (a mãe) e reconhecê-la como castrada, sendo somente ao se deparar com a ameaça da castração para si que a criança será forçada a atingir a dissolução do complexo de Édipo e o recalçamento. Porém, Freud descreve que pode existir outra maneira de se desvencilhar do complexo de Édipo que se dá partir da recusa da castração da mãe - um mecanismo de defesa elaborado e estruturalista da perversão que não apaga o conhecimento da castração, mas deixa uma marca inconsciente que é a recusa. Nesse artigo, Freud irá sugerir que o fetiche aparece como agente substituto do pênis materno, deslocando sua representação para outros objetos e os fetichizando.

Ao fazer isso, são criadas duas condições impossíveis de existir concomitantemente: a realização da castração materna (a falta) e ao mesmo tempo a recusa desta, que acarreta à ideia de um pênis absoluto. Essas divergências resultam na necessidade de clivagem do ego, para ser possível que as duas realidades contraditórias possam ser conservadas. Ferraz (2013, p. 46) explica a necessidade da clivagem do ego, afirmando que:

Devem ser mantidas, lado a lado, duas atitudes psíquicas excludentes se consideradas simplesmente pela lógica da consciência: uma atitude que se ajusta ao desejo e outra que se ajusta à realidade. Esta forma de funcionamento mental só pode se manter se houver uma alteração no ego, já que uma parte deste deverá desligar-se de um fragmento da realidade, ou seja, da castração.

A terceira e última versão da teoria das perversões de Freud implica na possibilidade da análise da perversão a partir de uma estrutura clínica e, com isso, abre novos caminhos para se observar este fenômeno. Podemos, portanto, fazer uma retomada da essência das três principais teorias de Freud, como proposto por Chasseguet-Smirgel (1991), a fim de observar, mais pontualmente, as diferenças e comparações possíveis de se estabelecer com as teorias oitocentistas. A primeira teoria que discutimos, é baseada na afirmação de que a neurose é o negativo da perversão, no qual o autor afirma que existiriam comportamentos perversos em potencial em todos os seres humanos; A segunda teoria parte do princípio de que a passagem pelo complexo de Édipo seria formadora tanto de neuroses e perversões, sendo, a última teoria, uma forma de continuidade à segunda, ao afirmar que o perverso se daria na recusa de sua castração.

A primeira teoria freudiana das perversões ainda foi muito impregnada pela sexologia do século XIX, como nos explica Ferraz (2013, p. 32-34), ao afirmar que neste momento Freud leva para a psicanálise o termo “perversão”, proveniente da medicina oitocentista, e conceitua que “A formação de uma perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal.”, ou seja, existiria uma impossibilidade da sexualidade genital se sobrepor às demais devido à fixação. Essa visão se assemelha à teoria proposta por Binet e Moll, no final do século XIX, que também descreviam tal fixação e implica no entendimento da normalidade sexual como a primazia da genitalidade. Ferraz (2013, p. 35) questiona, de maneira crítica, este momento:

Não estaria Freud impregnado pela moral vigente à sua época, para descobrir, após tantos volteios, o mesmo que aquela já pregoava? Trata-se de um assunto espinhoso. É em meio a esta problemática que entrevemos um Freud ambíguo e dividido, capaz de formular juízos preconceituosos, por um lado, e, por outro, de produzir um discurso antimoralista de uma veemência incomum para seu tempo, particularmente no que concernia à moral sexual.

Será a partir da conceituação da passagem pelo complexo de Édipo e da mudança compreensiva em relação às pulsões, que Freud irá afirmar que a

perversão não consiste de uma “aberração” própria do indivíduo, mas de algo intrínseco a todos, que pode se revelar ou não. Ferraz (2013, p. 37) afirma ainda, que, nesse contexto, as pulsões passam a ser vistas como um sistema conceitual e não somente como uma necessidade corpórea e a mente passa a ser fundamental por exercer a função significadora que se apresenta nas relações do indivíduo. Por fim, Ferraz faz menção ao trabalho de Paul-Laurent Assoun, de 1983, ao mencionar como a epistemologia freudiana, baseada no modelo científico precedente à ele, fez com que Freud “perpetrasse sucessivos discursos de inclusão da psicanálise nos parâmetros do energismo, que deveria embasar toda e qualquer investigação que se pretendesse científica” (2013, op. Cit.), ou seja, Freud passa a se contradizer por temer ter sua teoria classificada como “ciência da alma” e, com isso, desconsiderada no meio científico. Porém, ao se desvincular desta preocupação, Freud consegue dar continuidade à sua obra de maneira mais coesa com seu próprio modelo científico de construção do saber.

Diversas vertentes serão formadas dentro da psicanálise com base nos conceitos disseminados por Freud, porém, no que diz respeito às noções de perversão, os conceitos elaborados por Lacan, que são concebidos a partir da releitura dos estudos de Freud, marcam uma nova maneira de enxergar a perversão, com mudanças significativas quanto às reformulações que o autor apresenta, como, por exemplo, o rompimento que Freud assume ao caracterizar a perversão como algo que não estaria vinculado a uma patologia orgânica, e sim como algo relativo à constituição do sujeito. Outra grande marca, que será abordada em seguida, relaciona-se à postura que Lacan assume quanto aos comportamentos desviantes.

A perversão na obra de Lacan

A partir da releitura de Freud, Lacan desenvolveu, ao longo dos anos, duas teorias principais sobre a perversão que são formuladas em conjunto com uma nova visão de compreensão sujeito. O diferencial marcado na teoria lacaniana será na postura ética anti-moralista assumida pelo autor quanto à conduta psicanalítica ao abordar os comportamentos perversos, recorrente por toda a extensão de suas obras.

Para realizar a retomada conceitual da sexualidade nas obras de Lacan, é necessário compreender alguns aspectos de seu movimento teórico de revisão de formulações freudianas e a maneira pela qual a perspectiva estruturalista influencia as transformações de seus conceitos e a criação da primeira, e mais disseminada, teoria das perversões escrita pelo autor. É importante observar que desde a primeira versão de sua obra “O estádio do espelho”, Lacan já demonstra ter uma visão voltada para o estruturalismo e, segundo François Dosse (apud PEIXOTO JR., p. 152-153)

A partir de 1949, Lacan já pertence ao paradigma estruturalista, antes mesmo de se referir explicitamente à Saussure (em 1953), pois o estádio do espelho escapa a historicidade, dá-se como estrutura primeira, irreversível, que não pode funcionar de outro modo senão por suas leis próprias. Não existe, portanto, possibilidade de passar de uma estrutura a outra, mas tão-somente de tal para tal gestão da estrutura.

Será ainda no Estádio do espelho que Lacan irá diferenciar o “eu” (je) e o “ego” (moi), representação de duas instâncias psíquicas que dialogam entre si e refletem a negação da existência de um sujeito absoluto. Bruder e Brauer (2007, p. 517) esclarecem esse conceito afirmando que

Há uma oposição entre o sujeito do inconsciente e a organização do eu: este nos diz muita coisa pela via da denegação, mas isto não explica qual é a relação entre os dois sistemas. Eles não são apenas um o inverso do outro, de forma que a análise do eu fosse a análise do inconsciente ao avesso, o que se deve ao fato da insistência, da repetição.

Desta forma, Lacan afirma que a partir desta distinção, o sujeito falante dará um sentido pessoal (significante) para cada palavra que designe algo para ele, fazendo que seu inconsciente seja marcado pela predominância do significante sobre o significado, pois, segundo o autor, o discurso revela o lugar de fala do sujeito e “seus meios são os da palavra, no que ela confere às funções do indivíduo um

sentido; seu domínio é do discurso concreto enquanto campo da realidade transindividual do sujeito” (1998, p. 240). Ou seja, Lacan descreve existir uma relação fundamental entre o significante e o sujeito, que teria mais importância em um contexto analítico, e afirma que "o significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame³" (LANCAN, 1982, p. 43).

Peixoto Jr. (1999, p. 155) afirma que ao estabelecer o inconsciente como linguagem, Lacan está deixando implícito que o sujeito é sujeito do desejo definido pelo inconsciente, esse desejo aparecerá através de um discurso que lhe escapa por não ser seu, mas sim de um Outro e, simultaneamente, ainda o representa.

Apesar de não ser este o foco do trabalho, é necessário fazer o recorte da influência estruturalista para explicar a concepção de formação do sujeito no complexo de Édipo lacaniano, pois esta terá grandes implicações em sua teoria, no que tange a sexualidade, o que faz com que, apesar de se desenvolver a partir da teoria de Freud, Lacan adquira uma nova ótica sobre as perversões e a sexualidade. A discussão acerca das mudanças em sua concepção do complexo de Édipo se dará principalmente nos anos de 1950, que será brevemente elucidado para melhor compreensão do leitor e para abrir a discussão sobre a noção de gozo, formulada nos anos de 1960.

O complexo de Édipo para Lacan marca o primeiro passo para a constituição do sujeito e é pautado em três momentos, dando grande ênfase à função paterna. O primeiro momento é marcado pela relação entre mãe-bebê, vista como simbiótica uma vez que o bebê seria uma representação fálica de completude da figura materna e configura a tentativa de suprir a falta do Outro. Nesse momento, podemos inferir que existe uma relação dual, na qual a mãe ocupa o lugar do outro absoluto - o lugar da linguagem - e não existe, na imagem do bebê, um sujeito capaz de sustentar seu próprio desejo, mas somente o desejo de ser a completude do outro, ou seja, nesta fase, a criança “é o falo”. O segundo momento do Complexo de Édipo, para Lacan, se configura com a entrada do pai castrador, que tem como função separar a relação simbiótica desenvolvida entre mãe e bebê. Nesse momento o pai se torna a figura fálica, instaurando a falta de algo enigmático e incompreensivo, que dá lugar à angústia. Nesse contexto, Lacan afirma algo que vai além do conceito

³ Elemento de ligação

edipiano, a instauração de uma lei que não é natural à mãe, mas que é designada a ela e que restringe a relação mãe-bebê tendo como foco o significante como estruturante psíquico. A afirmação da lei é traduzida como a privação de seu objeto fálico e a não restituição dele, a lei do pai instala tanto a barreira entre a criança e a mãe quanto marca a figura do pai como interesse amoroso da mãe; ao mesmo passo, a instauração da lei revela a mãe como castrada, sendo fundamental para a análise das perversões, segundo Lacan (1957-58, p.191):

coloca-se para o sujeito a questão de aceitar, de registrar, de simbolizar, ele mesmo, de dar valor de significação a essa privação da qual a mãe revela-se o objeto. Essa privação o sujeito infantil assume ou não, aceita ou recusa.

Desta forma, esse estágio é nodal tanto pela introdução de um sentido sexual para a perda sofrida pela criança (e pela mãe) quanto pela abertura, por intermédio da castração, de uma nova linhagem. Essa relação implica na capacidade da criança de negar seu desejo de ser completude da mãe e, com isso, chegar ao último momento do Édipo, no qual aceita o terceiro elemento (figura paterna) na relação com a mãe e forma sua identidade como sujeito desejante faltante. O pai, nesse momento, marca a maneira pela qual a criança deixa de ser objeto para se tornar sujeito, ou seja, deixa de *ser* o falo para *ter* o falo uma vez que, ao atingir a dissolução do complexo, ele desembarca na impossibilidade de se desvincular da linguagem e da falta.

Lacan explica a falta com a qual nos deparamos a partir da castração, chamando-a de “A Coisa” Freudiana (ou “Das Ding”), esse conceito é algo que não está no âmbito da linguagem, ele é, na verdade, exterior á linguagem, mas que é íntimo ao ser humano, pois é o objeto de busca dele. Almejamos encontrar “Das Ding” como “Outro absoluto do sujeito” (Lacan, 1959-1960), porém esse objeto não é passível de ser encontrado ou nem mantido, e essa condição nos mantém eternamente na posição de seres faltantes. Corrêa (2006, p. 87) afirma que

A recusa da percepção da falta fálica na mulher remete a criança ao SIM-NÃO, que produz a clivagem do eu. Em Freud esta antinomia nos leva à questão edipiana. Com Lacan esta questão da castração se torna um fator estruturante. Assim, a idéia de denegação (Verneignung) de Freud é substituída por desmentido (Dementi). Na verdade, a castração corresponde à incapacidade do sujeito de obter do Outro a garantia do gozo e constitui, portanto, a representação simbólica de uma emasculação que incide sobre um objeto imaginário: o falo absoluto e onipotente do pai.

Essa recusa está diretamente conectada ao gozo, uma vez que podemos observar que a internalização da figura materna como ser castrado e faltante tem relação com os atos de sexualidade perversa como uma tentativa de encontrar Das Ding e se manter acima da lei instaurada pela figura paterna. Peixoto Jr. (1999, p. 175) afirma que

Desta forma, encontrar-se iam fechados para o perverso tanto a entrada definitiva na castração simbólica, que apontaria a diferença entre os sexos como causa do desejo, quanto o advento imperativo que Lacan chamou de Nome do pai [...] Em função desta economia psíquica que recusa o pai simbólico, o perverso se encontraria subtraído do direito ao desejo como desejo do outro, procurando demonstrar frequentemente que a única lei do desejo eficaz é a sua. A renegação, portanto, tem como objetivo principal o desejo da mãe pelo pai, ou, antes ainda, a diferença entre os sexos, reconhecida ao mesmo tempo que recusada.

É possível inferir, a partir disso, que o perverso para Lacan reencena a castração em seu comportamento, sempre a renunciando. Ao sobreviver a esta violência, na qual ele mesmo se coloca, reafirma sua onipotência sobre a castração e sua possibilidade de gozar com ela. Segundo Piera Aulagnier (1966), discípula lacaniana, esse mesmo processo ocorre na relação com o outro. Ou seja, o perverso tenta provar sempre a inexistência da castração e fazer dela uma forma de gozo.

A noção de gozo, citada nos parágrafos acima, será apresentada por Lacan nos anos de 1960 em seus questionamentos sobre a ética na psicanálise. Tal noção terá uma relação estreita com a perversão, pois implica na busca do extremo do prazer encontrado em das Ding, ou seja, na tentativa de alcançar a completude que é, em essência, inatingível. Lacan (1986, p. 97) afirma que ao abrir todas as comportas do desejo, na tentativa de atingir Das Ding, o sujeito se depara com sua própria dor e a dor de outrem, pois não seria possível, para um ser faltante, suportar a tentativa de forçar o acesso à satisfação absoluta. Mello descreve esta relação de maneira compreensível ao afirmar que

Na perversão o sujeito busca manejar, dominar o pulsional se colocando como objeto de gozo do Outro. Em seu agir, o perverso é comandado pelo imperativo categórico do gozo: vive para o gozo, na tentativa de apoderar-se dele, organizá-lo, administrá-lo e prorrogá-lo. Pulsão e perversão não são uma única e mesma coisa. A semelhança entre o circuito pulsional em geral e o específico da perversão nos permite vislumbrar melhor o mecanismo das perversões, mas uma distinção se faz necessária. A satisfação da pulsão é correlativa ao fechamento de seu circuito e retorno. Nela o objeto é o mais contingente, já alertava Freud, a pulsão visa apenas contorná-lo, o que o define como falta ou perda, puro vazio. O alvo

da pulsão é o retorno em circuito. Esta é, pois, dinâmica, sem sujeito, acéfala; já a perversão, nos fala Lacan, se define exatamente pela forma como o sujeito aí se coloca, encarnando o objeto que falta e que seria o alvo da pulsão, seu fecho. Daí a fixidez da perversão, seus roteiros repetitivos e intermináveis, onde o perverso não tem nenhuma liberdade, é escravo do gozo do Outro. (MELLO et al., 2004, p. 52)

Percorremos esses conceitos citados até o momento para ser possível aproximar-nos da tese sobre perversão mais conhecida na teoria lacaniana e também a mais alusiva ao embasamento estruturalista uma vez que é baseada na falta (das Ding) como um efeito estrutural à castração. Castanet (apud Peixoto Jr. 1999, p. 208), faz uma leitura precisa desta teoria ao afirmar que o perverso lacaniano não nega a existência do Outro com quem se relaciona a fim de objetificá-lo, mas sim tenta alcançar o que seu parceiro possui de mais íntimo para se encontrar com a angústia do Outro, a partir do gozo deste. O perverso, portanto, coloca-se em posição de objeto para restituir o objeto da falta no Outro e, com isso, transforma o desejo do Outro em gozo do qual o perverso passa a servo.

Estruturalmente, neste modelo, o perverso estaria tentando tamponar a castração da mãe ao se tornar o objeto fálico de completude do Outro. Castanet (op. Cit. p. 209) descreve esse movimento de investimento do perverso em suprir a falta do Outro, como uma identificação da própria falta que o horroriza e atrai simultaneamente, como uma forma de completar seu próprio vazio. Desta forma, o perverso se sentiria na posição de *ser* e *ter* o falo, concluindo, portanto, a vitória sobre a castração e evidenciando o motivo pelo qual Lacan e seus sucessores consideram a renegação o principal mecanismo de formação estrutural da castração.

Esse conceito de perversão discutido até o momento foi bastante difundido entre os anos de 1960 e 1970, porém, Lacan continua sua busca pelo aperfeiçoamento de sua teoria. Será a partir de seu conceito de “nó borromiano”⁴, que Lacan aprofunda na relação com a perversão na segunda metade dos anos 70, desde 1975, com sua última elaboração do conceito de perversão elaborada: a *pèrversion*⁵. Sobre este novo modelo, Peixoto Jr. (1999) afirma que “se tenta

⁴ Instância psíquica que “(...) entrelaça os registros do real, do simbólico e do imaginário, registros que comportam, cada um deles, respectivamente, o sintoma, a inibição e a angústia (...) [passando] a a ser a partir de então, a principal tarefa do discurso lacaniano” In Peixoto Jr., 1999, p. 198.

⁵ Père, em francês, pai (versão paterna).

demonstrar que o amor do pai seria perversamente (*père-versement*) orientado, no que ele faz da mulher objeto (a), causa de seu desejo.” (pág 199-200).

Será no seminário O sintoma (1975-76), Lacan irá se basear nos escritos joyceanos de 1939 para se referir ao pai (*père*), como sintoma (*sinthome*). Essa nova maneira de descrever a perversão se dá de forma enigmática e obscura, ainda mais com a afirmação de Lacan, ainda neste seminário, que afirma que “simplesmente a lei do amor, isto é, a perversão (*père-version*)”. Peixoto Jr. (1999, p. 200) afirma que “ Talvez em função da pouca clareza dos últimos enunciados, não foram muitos os analistas lacanianos que se arriscaram a comentar algo sobre a perversão a partir dele” - tendo como consequência a pouca repercussão desta teoria dentre os discípulos de Lacan. Um dos analistas que irá se aventurar na elaboração deste conceito, será Éric Laurent (apud PEIXOTO JR., 1999, p. 200) que defende que esta teoria de Lacan tem foco no “amor do pai”, se afastando das teorias anteriores que focavam no “amor de mãe”, tomando como condição para isso, que “Lacan teria reconstruído toda sua abordagem partindo do gozo como real e do *sinthome* como modo de passagem direta do simbólico para o real passando a metáfora a ser, para cada sujeito, apenas uma metáfora entre outras.” (Peixoto Jr. 1999, p. 200). Rosa Jr. (2013, p. 710) afirma que a *père-version*, portanto, “concerne à condição de sujeito, independente de estrutura psíquica”.

Apesar da difícil caracterização deste último momento teórico, tanto pela complexidade da obra original de Lacan, quando pela escassez de aprofundamento desta teoria pelos pensadores pós-lacanianos, é necessário destacar a posição social, crítica e moral do autor ao longo de sua carreira e da elaboração de suas teorias, que vem de encontro com os dados relevantes para este trabalho, em especial no seminário O sintoma, no qual o autor retoma sua posição antimoralista em respeito às perversões, afirmando que

“toda a sexualidade humana é perversa, se seguirmos bem o que diz Freud. Ele jamais conseguiu conceber tal sexualidade de outra forma que não a perversa, e é exatamente nisso que interrogo o que chamaria de fecundidade da psicanálise” (LACAN, 1975-76, p. 149).

Ou seja, Lacan retoma uma questão através desta crítica, afirmando novamente sua crença na perversão como algo inevitável a todos os seres humanos e percebe-se, que apesar da teoria de Lacan ter surgido a partir dos embasamentos freudianos, e, portanto, estar imersa nela de certa forma, Lacan assume uma postura mais confiante e crítica acerca de seu posicionamento quanto às

sexualidades perversas quando comparado à seu antecessor. Faz-se necessário, no entanto, observar quais acontecimentos dentro do contexto histórico-social, circundam os autores analisados nesse breve histórico, como, também, qual é e como se dá o espaço para a discussão sobre a sexualidade nesses diferentes momentos. Tais relações serão abordadas no próximo capítulo.

Discussão

Neste primeiro momento, será feita uma retomada dos conceitos levantados ao longo deste trabalho, de modo que seja possível relacionar essas teorias com seus respectivos momentos históricos e observar as possíveis relações estabelecidas entre estes. É necessário ressaltar que as teorias mencionadas referem-se a autores oriundos da sociedade ocidental e, portanto, a cultura e os contextos históricos nos quais estão inseridos, e que serão discutidas pela extensão deste capítulo, se relacionam a este recorte da população.

Com isso em mente, é possível observar nas obras de autores como Foucault (1997) e Ariès (1981) a discussão sobre a visão social da sexualidade no percurso da história ocidental.

Contextualização histórica das propostas

Séculos XVI à XIX

. É importante ressaltar que, segundo Foucault (1997) e Ariès (1981) a sexualidade não foi sempre tratada com preconceito e repressão, sendo considerada algo natural ao ser humano e, portanto, manifestada sem muitos pudores. De acordo com Ariès, até o século XVI, crianças menores de sete anos conviviam com os mais velhos e seriam separadas deles a partir desta idade pois

[...] acreditava-se que a criança impúbere fosse alheia e indiferente à sexualidade. Portanto, os gestos e as alusões não tinham consequência sobre a criança, tornavam-se gratuitos e perdiam sua especificidade sexual – neutralizavam-se. (ARIÈS 1981, p.132)

Corrêa (2006) também discorre sobre estas mudanças na forma de lidar com os conteúdos sexuais entre o século XVI e XVII, baseando-se na obra *História da Sexualidade* de Foucault. Segundo Corrêa (2006, p, 83),

Foucault, na sua *História da Sexualidade*, considera que até o século XVI existia certa franqueza com as práticas sexuais, exercidas e faladas de modo aberto e espontâneo. [...] É no século XVII que se inicia uma época de repressão declarada, decorrente das transformações pela ascensão da burguesia e a afirmação da família conjugal como núcleo primordial.

Essa nova maneira burguesa de enxergar a sexualidade como algo que não deve ser mencionado teve consequências drásticas na relação e, principalmente, nos valores transmitidos pela família, uma vez que passa a existir uma discriminação

entre a criança e o adulto, tal como o que se atribuía a cada um – diferentemente da criança do século XVI, considerada indiferente à sexualidade. Ao se conceber essa separação, os pais repassam os deveres de instrução sexual para as instituições de ensino, marcando o não-pertencer da sexualidade nos convívios familiares. Foucault descreve esta nova estruturação na passagem que segue, esclarecendo o funcionamento da família a partir da nova norma que passa a reger a socialização afirmando que

A família a confisca e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, ditam a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo no espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT,1997, p. 9-10)

Ou seja, com essas mudanças instala-se um padrão social, que silencia as pessoas e retira da sexualidade a possibilidade de exercê-la por prazer. A família assume o “dever” de fiscalizar a sexualidade, criando uma lei moral que a delimita aos casais com a finalidade exclusiva de reprodução, ato que se torna, portanto a única justificativa aceita pela moral de se exercer a sexualidade.

Esta análise tem como propósito clarificar o contexto que nos introduz ao modelo científico dos anos de 1800, data que marca o início da apropriação do estudo da sexualidade pela medicina, como descrito no início deste trabalho. Esse contexto, e, portanto, as pessoas inseridas nele, estavam imersos em uma cultura que reprimia e penalizava qualquer tipo de sexualidade que não se encaixasse na “lei” (moral e, em certos casos, jurídica - como na prática homossexual) da relação sexual hétero, entre duas pessoas e com propósito de reprodução. Chauí (1984, p.77) compreende esse movimento afirmando que

Um dos aspectos profundos da repressão está justamente em não admitir a sexualidade infantil e não genital. Essas regras, normas, leis e valores são definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também.

A partir da fala de Chauí (1984), podemos retornar a expressão usada por Peixoto Jr. (1999), já citada na primeira parte deste texto, na qual ele se refere à um “racismo científico e preconceito sexual” ao descrever o estudo da sexualidade em

1800. Agora, com maiores ferramentas para compreender o que o autor estava afirmando, torna-se possível compreender como as implicações sociais e os valores de uma sociedade, incluindo todos os aspectos que a regem, podem permear não somente a verdade científica, mas também podem influenciar a maneira em que a ciência é construída. Nesse sentido, podemos indicar que a repressão sexual responde ao momento histórico no qual está inserida, Ceccarelli (2000) afirma que os sexólogos mais reconhecidos do século XIX, como Krafft-Ebing, por exemplo, ao ocuparem-se de classificar e 'etiquetar' os comportamentos sexuais considerados desviantes, evidenciam uma irrefutável imersão no moralismo vigente, o que deixa claro esta relação entre o contexto histórico e a construção teórica, uma vez que buscam alguma explicação baseada na medicina que validasse a existência de alterações orgânico-fisiológicas responsáveis pelas "alterações" da pulsão sexual, criando, com isso um extenso e minucioso inventário de perversões sexuais durante o século XIX que correspondiam mais aos julgamentos morais (entre correto e incorreto) do que sobre a natureza dos fenômenos estudados.

Uma das principais consequências da catalogação exacerbada foi a patologização generalizada, uma vez que se classificou como perverso – e, portanto, portador de uma doença – qualquer ato que fugia da lei normativa da sexualidade como meio reprodutivo, em vigor na época. A respeito disso, Foucault (1997, p. 32–33) sintetiza que

"Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das 'doenças dos nervos'; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da 'extravagância', depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das 'fraudes contra a procriação', a etiologia das doenças mentais e, sobretudo quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais. Também a justiça penal, que por muito tempo se ocupou da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes 'crapulosos' e antinaturais, mas que na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância. Enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, a incitação a se falar dele"

Apesar dos sexólogos oitocentistas, aderirem, por muitas vezes, uma visão reducionista da sexualidade implicando no diagnóstico de diversas expressões sexuais, houve uma parcela de filósofos, médicos e, juristas que optaram por contradizer esse sistema ao tentar abordar tais questões de novas maneiras e, portanto, fugir à norma imposta, abordando, primordialmente, questões voltadas para as questões ligadas à homossexualidade. Ulrichs, por exemplo, como citado durante o texto, ao dar início às suas obras em 1864 construiu uma série de produções que deu abertura às criações científicas germânicas da época, com a intenção de defender a legalização da relação “uranista”⁶. Apesar de não ter atingido a legalização que buscava, Ulrichs inspirou novos trabalhos na área, como o de Westphal, que terá influência na psicanálise com a sua abordagem acerca das “inversões”. Isso nos possibilita observar que existem vários outros fatores envolvidos nas questões acerca da influência do momento social na formação de conhecimentos, já que, como percebemos durante este trabalho, apesar do contexto social e cultural se apresentarem como fatores importantes para a produção científica, existem pessoas que continuam desafiando os conhecimentos estabelecidos. Sobre a formação de conhecimento científico, Lakatos e Marconi (1991, P. 30) afirmam que:

A investigação científica se inicia quando se descobre que os conhecimentos existentes, originários quer das crenças do senso comum, das religiões ou da mitologia, quer das teorias filosóficas ou científicas, são insuficientes e imponentes para explicar os problemas e as dúvidas que surgem. A investigação científica é a construção e a busca de um saber que acontece no momento em que se reconhece a ineficácia dos conhecimentos existentes, incapazes de responder de forma consistente e justificável às perguntas e dúvidas levantadas. É o reconhecimento das limitações existentes no saber já estabelecido e da necessidade de produzi-lo para esclarecer e proporcionar a compreensão de uma dúvida. Nesse sentido, iniciar uma investigação científica é reconhecer a crise de um conhecimento já existente e tentar modificá-lo, ampliá-lo ou substituí-lo, criando um novo que responda à pergunta existente.

Diante disso é possível levantar a hipótese de que é a partir dos questionamentos que surgem devido a uma insatisfação em relação aos saberes pressupostos pelo momento histórico que fazem com que os pesquisadores de cada época passem a buscar novas verdades, evoluindo os saberes em diferentes áreas.

⁶ Relação homossexual, denominada uranismo por Ulrichs e, posteriormente, “inversão sexual” por Westphal.

No campo dos estudos sobre a sexualidade, é possível acompanhar esse movimento questionador ocorrendo diversas vezes, inclusive no atual momento em que vivemos, como será discutido mais adiante.

Ruptura psicanalítica e contexto atual

Ceccarelli (2000, p. 25) ressalva que os poucos pensadores que ousaram assumir uma postura contrária à moral aceita na época acabavam por sofrer um retorno negativo da comunidade científica, sendo muitas vezes taxados de ser coniventes com comportamentos imorais. O mesmo ocorre com Freud, que como foi ressaltado anteriormente no texto, começa suas obras imerso – e com dificuldades de se desvencilhar – na psiquiatria oitocentista, porém, realiza um movimento na direção de uma ruptura com esta psiquiatria ao escrever os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Essa separação se dá a partir do momento que Freud afirma existir um potencial perverso em todos – inclusive nos moralistas e estudiosos das perversões: todos estariam sentenciados a ter essa espécie de condição inconsciente, inclusive as crianças, que Freud afirma ter uma perversão-polimorfa. Ceccarelli (2000) ressaltou também que ao final de sua teorização sobre a sexualidade, Freud terá afirmado que ao caracterizar a perversão como negação da castração, existiria uma busca do prazer que “perverteria” o objetivo de reprodução designado à sexualidade, ou seja, nesta perspectiva, a sexualidade se colocaria contra a natureza implicando na máxima: “não existe natureza humana”. Ceccarelli (2000, p. 26) afirma ainda que

Ao mostrar que as perversões integram o psiquismo humano, Freud subverte o conceito de normalidade, fazendo dele uma ficção: não existe mais diferença qualitativa entre o normal e o patológico. A diferença entre a sexualidade perversa e a normal reside no fato de que “seus instintos componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais são diferentes”.

Desta forma, Freud abre novas possibilidades de caminhos a serem seguidos e se torna referência para diversos estudos sobre sexualidade e constituição do sujeito que virão. Vale ressaltar que Freud não foge completamente às regras da sociedade, uma vez que, recorrentemente localiza a figura do feminino em uma

posição passiva e diminuída em comparação ao masculino, relação que é concebida em um contexto histórico falocêntrico e de considerável discriminação entre gêneros, característicos de sua época.

Uma das teorias oriundas das descobertas freudianas, que mais trouxe contribuições para a evolução e elaboração dentro da psicanálise, no que se refere às teorias da sexualidade, vieram através de Lacan. É importante ressaltar que Lacan, diferentemente dos outros autores citados, desenvolveu sua teoria da sexualidade na França, principalmente no período entre 1950 e 1960 e que essa é uma informação indispensável, uma vez que este período foi caracterizado por grandes mudanças sociais, com foco na relação com a sexualidade e na liberdade sexual feminina. Como descreve Castro (2004, p. 4) a década de 50, foi marcada por um movimento que já supunha uma nova visão em relação ao corpo e a sexualidade, desembocando na década de 60 com o advento da pílula anticoncepcional, que, junto com os movimentos feministas configuraram uma revolução sexual.

A contribuição social nesse momento, no que se refere às obras sobre a sexualidade em Lacan, torna-se explícita uma vez que o questionamento dos ideais sociais deixou de ser visto somente como um insulto, ou uma agressão aos costumes das pessoas da época, para se tornar um serviço necessário à sociedade em especial aos direitos das mulheres. Percebemos essa influência na formulação teórica lacaniana de uma nova dimensão do feminino, que modifica o lugar da mulher na psicanálise, extrapolando a condição freudiana de situar o feminino como algo passivo, como também, no seu comprometimento em desmistificar a perversão como algo patológico, como afirma Ceccarelli (2000, p. 28)

Devemos a Lacan e seus discípulos o mérito de tirar a perversão do registro do desvio para apresentá-la como uma estrutura. Lacan entende a perversão como uma componente do funcionamento psíquico do homem, sendo que a estrutura perversa 'se caracteriza pela vontade do sujeito de transformar-se em objeto de gozo'.

Apesar de esse conceito ter trazido benefícios, atualmente existem diversos autores que tentam se afastar do conceito estruturalista lacaniano, dentro da psicanálise por considerar que

É preciso considerar se a visão de uma pretensa "estrutura perversa" que se manifesta na produção psicanalítica, sobretudo francesa, é ou não afetada por esse preconceitos. (...) Não seria surpreendente, com efeito que, uma vez aceito no campo fenomenológico das perversões, tal como ele é definido pela reprovação moral, o analista viesse a

encarnar - não apenas para o paciente como também nele mesmo - a norma sexual. (CALLIGARIS apud PEIXOTO JR., 1999, p. 226-227)

Peixoto Jr. (1999) reflete sobre esta afirmação, afirmando que a manutenção da ideia de que somente o perverso atuaria seus desejos, no passo que o neurótico só conseguiria fantasiar as ideações perversas é errônea, uma vez que a clínica psicanalítica trabalha com sujeitos organizados subjetivamente e que conseguem pôr em prática comportamentos perversos. Peixoto Jr. usa isso para sustentar sua visão de que

Fenômenos reunidos por pura e simples aprovação moral não poderiam servir como fundamento de uma estrutura única da personalidade. Neste sentido, se ainda existe algum espaço para pensar uma formação clínica como a "perversão", suas possibilidades dependem diretamente do abandono da noção de aberração sexual pelo clínico, na medida em que sua manutenção compromete não apenas um manejo transferencial como também sua teorização.

Ou seja, um dos grandes tópicos que vêm sendo discutido na psicanálise contemporânea é a necessidade de rever a maneira com que o sujeito perverso, tal como a perversão, foram estudados e quais as implicações disso dentro da clínica psicanalítica. Ceccarelli (2000, p. 19) também incentiva o questionamento sobre os preconceitos acerca da sexualidade nos dias de hoje, afirmando que

enquanto no passado havia uma preocupação excessiva, que pode nos fazer rir, com a questão do prazer, com os perigos da masturbação e outros tantos ligados à sexualidade, hoje, depois da "revolução sexual" da década de 1960, assistimos a acontecimentos, no fundo, bastante semelhantes.

Com isso, o autor elabora a seguinte pergunta: "seriam estas questões características da nossa época ou, ao contrário, trata-se das angústias próprias ao ser humano, vestidas com a roupagem característica do nosso momento histórico?" Ceccarelli (2000, p. 20). Primeiramente, é possível afirmar que esta não é uma questão somente da nossa época, mesmo se dando de maneira diferente às anteriores, tornando-se inegável que ela continua existindo atualmente. Portanto, para pensar essa discussão, o autor discorre sobre a possibilidade de ter ocorrido, nas últimas décadas, uma espécie de "desrepressão" da sexualidade que não foi acompanhada por um "desrecalcamento" da mesma. Ou seja, Ceccarelli fornece, a partir destas premissas, uma grande colaboração para a compreensão da leitura do possível momento histórico em que vivemos, no qual, mesmo com um grande movimento de libertação sexual, não conseguimos tornar mais fácil o contato com a

sexualidade, uma vez que estaríamos lidando com duas categorias diferentes: a repressão e o recalçamento. A repressão sexual, a partir desta análise, é diretamente influenciada e modificada a partir da cultura, costumes e valores de um momento histórico, ao passo que o recalçamento da sexualidade é uma elaboração psíquica de constituição do sujeito, devido à passagem pelo complexo de Édipo, que possibilita as relações humanas no contexto de civilização. Concluindo-se, portanto, que

Os ideais, que são construções culturais, serviriam para “direcionar”, para normatizar aquilo que, de outra forma, seria percebido como ameaçador. Todavia, tal empreitada é, em sua essência, impossível, pois o sexual infantil está sempre pronto a fazer retorno nas situações mais inusitadas e nos momentos mais inesperados: os sonhos, os atos falhos, os sintomas, as fantasias mais secretas e os desejos mais inconfessáveis, as frustrações e as insatisfações que trazem as pessoas a nossos consultórios, tudo isto testemunha o fracasso tanto do recalçamento quanto da tentativa de criar-se uma sexualidade “ideal” que corresponderia a uma “natureza humana” que se pretende universal; onde este recurso falha, quando determinada expressão da sexualidade escapa ao recalque, ou não corresponde ao ideal, temos o preconceito. (CECCARELLI, 2000, p. 31)

É relevante citar que alguns autores não concordam com a perspectiva descrita da persistência do preconceito sexual contra o perverso. Corrêa (2006), por exemplo, assume uma postura contrária, uma vez que, se baseando na afirmação de André (1993) de que “(...) a perversão é algo totalmente diferente de uma entidade clínica: ela é um certo modo de pensar” e afirma que atualmente, o perverso deixou de ocupar o lugar da patologia, se livrando de condenações legais ou sociais já que foi colocado em uma posição de objeto de desejo, romantizando-a em livros e filmes. Porém, considera-se que esta perspectiva minimiza o sujeito e as relações envolvidas em um assunto tão complexo. Dado que, sempre se discutiu a existência de um lado da perversão que seduz e incita inveja no neurótico pois implica no desejo de também recusar a Lei; o que não seria algo tão facilmente realizável pelo neurótico quanto pelo perverso, como vimos anteriormente—considerando que também pode ter sido facilitada esta sedução pelos comportamentos perversos a partir da revolução sexual e do movimento atual de “desrepressão” da sexualidade. Porém, ao se deparar com essa impossibilidade estrutural, o neurótico pode encontrar diferentes formas de responder a à situação com seus recursos psíquicos, que podem ser observadas desde a passagem ao ato

deste desejo quanto a tentativa de conter seu desejo ao tentar reprimir as pulsões e manifestações sexuais do outro a partir da repressão social e do preconceito.

Por fim, pode-se perceber que vivemos em um momento no qual essas discussões são de grande importância visto que representam uma preocupação atual no âmbito da psicanálise e dos estudos da sexualidade.

Considerações finais

Apesar das diversas mudanças que ocorreram historicamente na sociedade ocidental entre os séculos XVI e XX, não seria correto afirmar que o preconceito referente à sexualidade e suas manifestações se extinguiu em algum momento. É possível, no entanto, afirmar que esse preconceito foi se reconstruindo e modificando de acordo com diferentes ideais de moral vigentes, sempre carregando algum resquício da intolerância anterior.

Para enriquecimento da discussão e auxílio no fechamento deste debate, retornaremos à Ceccarelli (2000) que destaca a observação de que é possível contemplar as manifestações sexuais a partir de duas óticas distintas: como um problema ou uma solução. A concepção sexualidade como um problema a ser resolvido é o funcionamento que foi naturalizado no decorrer do tempo com a visão médica que visa à reparação dos sintomas desviantes, vistos a partir de uma perspectiva patologizante. A postura de observar os comportamentos sexuais como uma solução implica em analisar as construções das dinâmicas sexuais do indivíduo – sejam elas desviantes do padrão de normalidade ou não – e entender este fenômeno como uma maneira de “sobrevivência psíquica”⁷. Nas palavras do autor:

Trabalhar nesta perspectiva (perversão como solução e não o problema) é reconhecer que as manifestações da sexualidade, por mais “desviantes” que possam parecer, traduzem uma criação particular e única de cada sujeito; é lembrar que o aspecto mais notável dos seres humanos é a singularidade psíquica, assim como a genética, de cada um. É também não esquecer que a sexualidade constitui o enigma por excelência do ser humano; que este se escalona em diferentes registros, contendo formas de prazer diversos, múltiplos e, por vezes, inconciliáveis. Tal como Édipo diante da esfinge, a cada um cabe tentar responder ao enigma que sua própria sexualidade lhe impõe – resposta esta que é única, como é único cada ser humano. (CECCARELLI, 2000, p. 36)

Em vista dos argumentos apresentados, em conjunto com a proposta de Ceccarelli, pode-se afirmar, resumidamente, que a sexualidade, em suas diversas formas de manifestação, vem acompanhada de preconceitos estabelecidos de acordo com as normas da cultura e da moral da sociedade da época. Isso tem consequências diretas na maneira de se enxergar as perversões, uma vez que estas são o reflexo dos comportamentos inaceitáveis dentro de uma cultura. Ao

⁷ Expressão usada por McDougall em *As múltiplas faces de Eros*.

compreender a dinâmica estabelecida entre o social e o científico, junto com as diversas maneiras que esta dinâmica se dá ao longo do percurso histórico de transformação do termo “perversão”, torna-se claro que, apesar de a sociedade e suas normas não serem os únicos fatores responsáveis pela criação científica, como observamos anteriormente, elas expressam uma influência relevante em grande parte da produção de saberes. É possível, portanto nos questionar se isto faz parte da produção de qualquer conhecimento ou se é algo passível de superação, uma vez que se observa, em cada momento histórico, uma espécie de herança de elementos referentes às propostas ideológicas e científicas de gerações anteriores. Além disso, pode-se elencar outra relação importante a ser questionada, a partir da inversão do foco estudado, ou seja, como uma proposta teórica pode intervir no contexto social referente aos valores e costumes de uma época.

Visto que configura uma forma de influência e, sendo produtos de uma cultura, as propostas teóricas e conceitos deveriam ser estudados com uma preocupação histórica que destacasse as possibilidades de transformação, atualização e responsabilidade sobre a implicação de suas formulações. Portanto, é necessário atualizar os nossos conhecimentos e tentar compreender as manifestações da sexualidade humana a partir de uma perspectiva que englobe tanto os padrões da moral vigentes, que vale ressaltar, são uma criação social e, portanto, visam contemplar os ideais de um grupo normativo – como também, a singularidade do indivíduo analisado.

Referências Bibliográficas

- Apostila Lacan PUC-Rio Disponível em:**
 <http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/0212060_06_cap_03.pdf>
 Data de acesso: 20 maio 2014.
- ANDRÈ, S. (1993). **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ARIÈS, P. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AULAGNIER, P. (1966) **La perversion como estrutura: O Inconsciente**. Buenos Aires: Sudamericana, 1967.
- BAUMAN, Z. (2000). **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, 258p.
- BRUDER, M. C. R.; BRAUER, J. F.. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação**. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 12, n. 3, p. 513-521, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300008&lng=pt&nrm=iso>. Data de acesso: 30 out. 2015.
- CALLIGARIS, C. **Ninfomaníaca**. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 mar. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2014/03/1428150-ninfomaniaca.shtml>>
 Data de acesso: Junho/2014.
- CECCARELLI, P. R. **Sexualidade e preconceito**. in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, III, 3, 18-37, set. 2000
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Ética e estética da perversão**. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.
- CIRINO, O. **O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault**. *Mental, Barbacena* , v. 5, n. 8, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100006&lng=pt&nrm=iso>. Data de acesso: 10 nov. 2015.
- CORREA, C. P.. **Perversão: trajetória de um conceito**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 29, set. 2006 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100012&lng=pt&nrm=iso>.
 Data de acesso: 20 out. 2015.
- COSTA, A. L. **Culto ao corpo: identidades e estilos de vida**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004, Coimbra. p. 1-6.
- DEBORD, G. (1967). **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Projeto Periferia, 2003, 140 p.

DIAS, M. G. L. V. **Do Gozo Fálico ao Gozo do Outro**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Vol. 11, no2, Jul/Dez 2011

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200006> Acesso em: Abril/2014

Fernando Lessa. **Kinksters**:

Disponível em: <<http://www.fernandolessa.com.br>> Acesso em: Março/2014

FERRAZ, F. C. (2000). **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. 141 p. (Clínica Psicanalítica).

FERREIRA, P. F. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Vol. 3, no2, Jul/Dez 2000.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982000000200010> Acesso em: Abril/2014

FERREIRA, N. P. **Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística**. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 113-131, June 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100009&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 01 Nov. 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **História da sexualidade: à vontade de saber**. Vol. I, 13ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Vol. II, 8ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREUD, S. (1927) **Fetichismo**. *Obras Completas vol. XIX*, Ed. Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1996

_____. (1962). **Three Essays on the Theory of Sexuality**, trans. James Strachey. New York: Basic Books.

_____. **Três ensaios sobre a sexualidade** In: Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 7.

_____.

GARCIA-ROZA, L. A., 1936- **Freud e o inconsciente**, 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIAMI, A. **A medicalização da sexualidade**. *Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade?*. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 259-284, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000200005&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 10 nov. 2015.

KRAFFT-EBING, R. V. (1997). **Psychopatia Sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 305p.

LACAN, J. (1957-58/1999) **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1956-1957) **O Seminário, livro 4: A relação de objeto**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2010.

_____. (1959-60/1988) **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2010.

_____. (1960-1961) **O seminário, livro 8: A transferência**, 2 ed., Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2010.

_____. (1966) **Escritos**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

_____. (1982) **O seminário, livro 20: Mais ainda**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (1998). **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In J. Lacan,

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A., "**Fundamentos da Metodologia Científica**", 5 ed., Editora Atlas S.A., São Paulo SP. 1991

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B., **Vocabulário da psicanálise**, 4 ed., São paulo, Martins Fontes, 2001.

LEVENSTEINAS, I., **Relações entre a histeria e a perversão**. Sedes: Formação em psicanálise, 2005 Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/histeria_e_perversao.htm> Acesso em: Maio/2014

LUCERO, A.; VORCARO, Â.. **Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 16, n. spe, p. 25-39, Apr. 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000300003&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 20 Nov. 2014.

MELMAN, C. (1931). **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. 211p.

MELLO, C. A. A. et al . **Perversão - pulsão, objeto e gozo**. *Reverso*, Belo Horizonte , v. 26, n. 51, dez. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100006&lng=pt&nrm=iso>. Data de acesso: 01 nov. 2015.

Nobuyoshi Araki

Disponível em: <<http://www.kamelmenmour.com/artists/19/nobuyoshi-araki.works-and-projects.html?page=1>> Acesso em: Março/2014

NYMPHOMANIAC. Direção: Lars Von Trier. Roteiro: Lars Von Trier. Música: Kristian Eidnes Andersen. Dinamarca: Zentropa, 2013. 2 DVDs (269MIN), WIDESCREEN, COLOR.

PEIXOTO JR., C. A.; **Metarmofoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ROSA JR., N. C. D. F. da; POLI, Maria Cristina. **Literatura, perversão e psicanálise.** Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 16, n. 4, p. 702-714, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400016&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 10 Nov. 2015.

SADE, A. D. **Os 120 dias de sodoma, ou A escola da libertinagem.** São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **A filosofia na alcova ou Os preceptores morais.** São Paulo: Iluminuras, 5 ed., 2014.

SELLERS, T. (1997). **Dungeon Evidences.** New York: Velvet. 185p.